

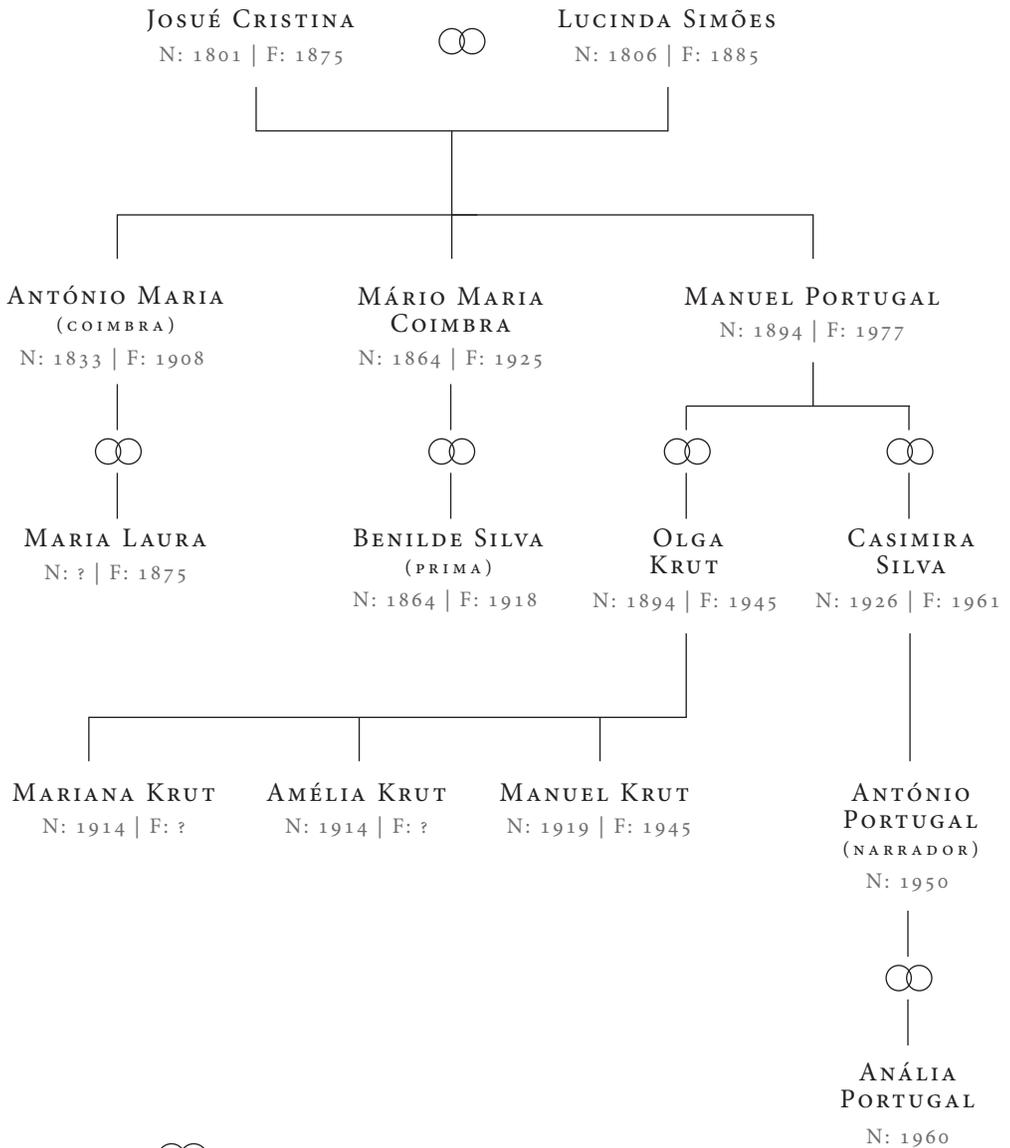
o regresso a quionga

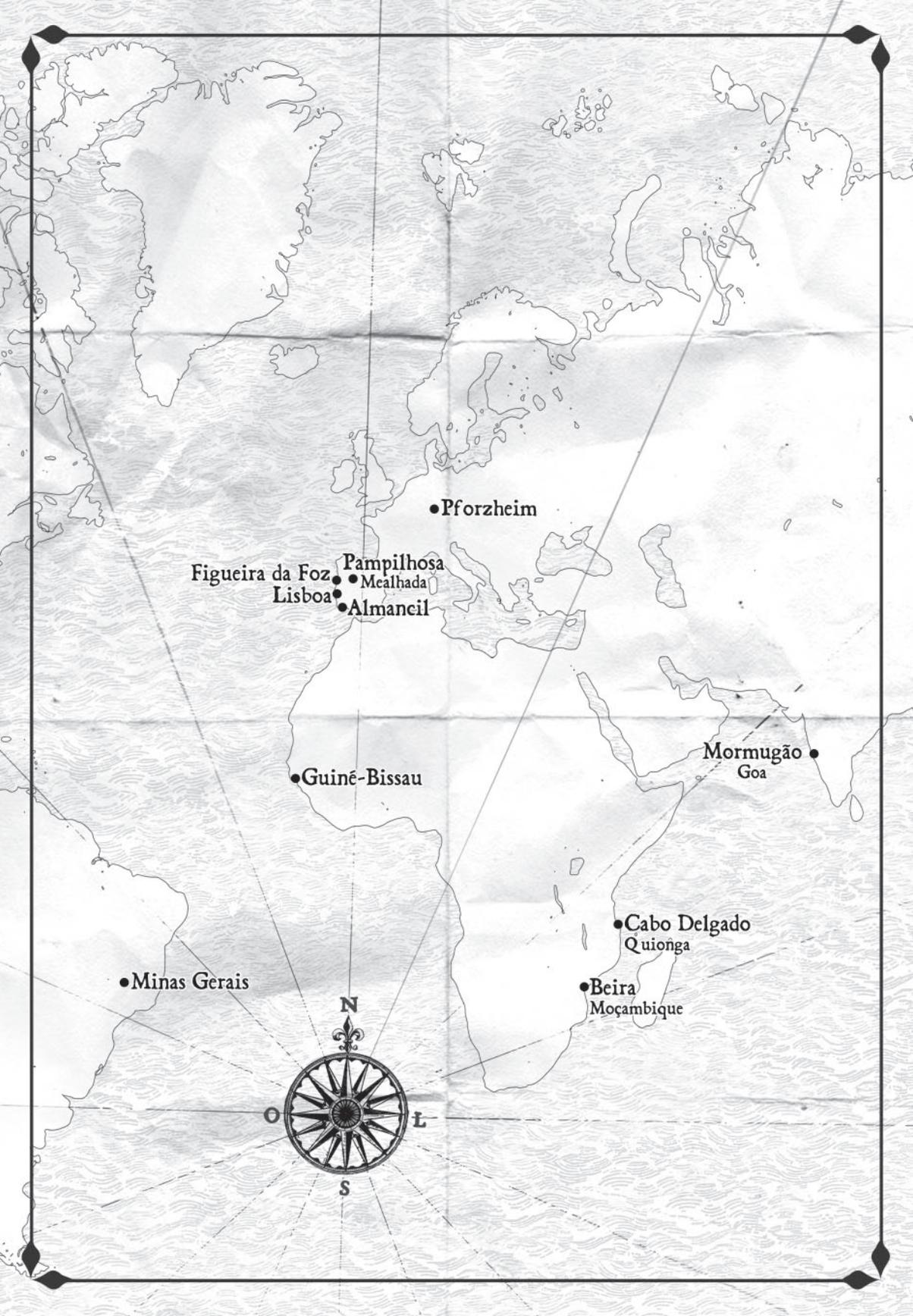
mário silva carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

ÁRVORE GENEALÓGICA DO NARRADOR





● Pforzheim

Figueira da Foz ● Pampilhosa
Lisboa ● Mealhada
● Almancil

● Guiné-Bissau

● Minas Gerais

Mormugão ●
Goa

● Cabo Delgado
Quionga

● Beira
Moçambique



PILARES DA NARRATIVA

No distante século XVI, D. João de Castro, 4.º vice-rei da Índia Portuguesa, despachou cartas para Lisboa a assinalar a penúria de gentes de armas para a defesa da acosada fortaleza de Diu e de outros baluartes costeiros sob pendão lusitano. Em linhas lamentosas assinalava que apenas a fatia mais sumida dos homens que seguiam nas armadas de Lisboa para o Oriente se quedava no serviço das coisas do rei. Todos os outros desapareciam em lugares tão remotos e desconhecidos que nem os sábios Ptolomeu ou Plínio, deles conseguiriam ajuntar informes. Zarpavam na busca das especiarias, ouro e pedras preciosas, na tentativa de sacudir a penúria, a magreza de suas vidas, trilhar sendas de abundância. Almejavam retornar a Portugal com uma bolsa funda, atestada até à boca de boas fortunas.

O desígnio duro de procurar vidas sem apertos da miséria a rondar ao postigo obrigaria gerações de portugueses sem nome a buscar os cantos mais remotos da Terra.

Num rol, sem parança nos tempos, vou tentar compor a crónica dos meus antepassados, figurantes anónimos de tantas partidas. Seguirei os passos de meu trisavô paterno, o anspeçada Josué Cristina, nascido no distante ano de 1801, e só travarei a incursão no tempo quando atracar a narrativa nos meus dias.

ASSIM COMEÇA A CAMINHADA

Manuel Portugal, meu saudoso e muito amado pai, no princípio dos anos setenta do século passado, numa despedida que por lástima haveria de descobrir ser a derradeira, entregou-me um extenso acervo de fotografias, documentos, cartas velhas esmaecidas e dois livros gordos de capa rígida, ao tempo utilizados nos registos de caixa de comércio: assentamentos de deve e haver. Em linhas direitas numa letra redonda, certa, apontando ligeiramente para a frente, com as certezas absolutas em que sempre viveu, anotou e percorreu as muitas estações de vida e da família. Recuou na busca e coleção de memórias até ao meu trisavô paterno: o anseçada Josué Cristina, um homem de costados e olhares levantados, o que lhe acarretaria bons dissabores e uma mão-cheia de sustos. A capear toda a documentação, já gasta dos anos e de muitas viagens, impôs com o olhar incisivo um fremente pedido, quase um grito, uma ordem:

— Promete... Um dia, mesmo distante, vais dar um rumo a estes papéis sem esqueceres de somar as páginas da tua passagem pela nossa Guiné e do que mais adiante encontrares na caminhada.

Na minha casa da Avenida de Roma, em Lisboa, nas vésperas de voar para Bissau, no cumprimento do serviço militar obrigatório, afiancei, tentando não baixar o olhar:

— Cumprirei a empreitada.

Selámos o pacto com um abraço cingido com leveza, meu pai sobre o corpo só carregava a pele, os ossos e um coração de tamanho tal que dava para repartir por Moçambique da mocidade, pelo provento, mas sempre amado, Portugal e pela derradeira paixão de vida: o colorido e vibrante Brasil.

Demorei muitos anos a encetar esta longa andada, desconhecia se em mim haveria engenho para cumprir o que lavrara naquele abraço de despedida e compromisso.

Vou largar amarras, percorrer vidas cheias, outras cerceadas na pujança da seiva, paixões frementes, amores tristes, guerras, revoluções, viagens, dores, alegrias, mortes, tempos e terras, mares e oceanos. Em muitos passos recorreirei aos documentos confiados, tendo por perto os livros de assentamentos comerciais, as palavras traçadas pela eterna, enorme e vermelha *Parker Duofold*, com aparo de ouro, companheira certa de meu pai.

No rumo das minhas páginas, na perseguição da obediência dos compromissos e sonhos, a certeza de achar um rumo numa comprida senda: retornar a Moçambique na descoberta dos dias acalorados, cheiros da terra, aromas a comidas fortes, na busca dos trilhos que em menino Manuel Portugal percorreu, onde ainda deverá ecoar a sua voz. Som alegre, vivo e cantante, sempre

fresco no meu mapa de memórias. Redescobrir gentes, casas, animais, praias, rios e árvores. Acostar à cidade da Beira, à ilha de Ibo, finalmente trepar para um barco e atracar no modesto, carcomido e decrépito cais fluvial de Quionga.

E... sem medir o tempo, repousar o olhar sobre o rio Rovuma.

Esta marcha de gerações, conduzida pelas linhas riscadas pelo punho de meu pai, começará com uma caminhada ao encontro do elo mais distante das lembranças de família: o trisavô paterno, o anspeçada Josué Cristina.

Servirá de primeiro pilar da narrativa.

1.^o

ANO DE 1833

TRISAVÔ JOSUÉ

A decisão estava tomada. O bom bocado da soalheira, sentado no rebate da porta da casa, ajudaria Josué Cristina a aclarar ideias e a tomar as rédeas da vida para os próximos tempos. Agosto de 1833 não trouxera só os ventos secos de sudeste, poentes de fogo e sangue, noites de calor pesado e madrugadas luminosas. Os almocreves, os viajantes, os andarilhos e os abandonados da sorte, que faziam dos trilhos a casa, traziam, enfeitadas de medos e crueldades, as notícias da guerra entre os reis irmãos que rasgava a alma de Portugal. Sussurravam, vestida de receios, uma má nova:

O exército do Senhor Rei D. Miguel está a aprestar a saída do Porto, não tardará a romper em correria pelos caminhos que apontam a Lisboa.

Esta força ultimava a marcha para em passo apressado levarem de roldão todos os obstáculos. Corriam na empresa urgente de reaver a cidade capital do reino. Lisboa, quase sem combates, fora ocupada nos últimos dias de julho pelas tropas liberais do rei D. Pedro. Na vanguarda do corpo militar, uma força de cavalaria escoltava numerosos grupos de batedores bem armados com ordens de passar pelas armas quem os afrontasse. Arrebanhavam todos os homens válidos para incorporar as fileiras de combate, tomavam as colheitas, animais domésticos, lenhas e tudo o que pudesse servir para alimentar os exércitos na passada dura para o Tejo. O marechal Bourmont, o herói conquistador da Argélia para os franceses, comandava com mão áspera o poderoso e desesperado corpo militar. O rápido avanço iria determinar a sorte dos combates fratricidas sustentados pelo suor e sangue de intermináveis fileiras de homens em armas.

O povo alapado no casario pobre das cidades e vilas, ou ancorado em casebres perdidos nas aldeias, labutava pelo magro pão. Sentia-se apanhado entre o fogo dos defensores de todo o poder para o rei D. Miguel e os arautos das correntes liberais reunidos em torno de D. Pedro, advogando que o mando deveria obedecer aos primados de leis agrupadas numa carta constitucional. De cervizes baixas, procuravam sobreviver tentando não ser tomados pelas ondas de violência que rasgavam as nossas terras. Legiões de desamparados eram, pela coação e bandeiras de medo, incorporados, enviados para as frentes dos combates, feridos, estropiados e mortos.

As apreensões do trisavô Josué acudiam por dois caminhos. A jovem esposa e prima estava prenha a alcançar os oito meses, era o primeiro filho, o tempo de espera havia sido difícil, arrastado entre dores e sustos. Receava que a chegada procelosa das tropas precipitasse o nascimento do tão aguardado rebento.

O outro temor era por ele mesmo. Uns bons anos já passados, em 1823, assentara praça em Aveiro, no Regimento de Caçadores N.º 10. Esta força militar abraçara e vitoricara os ideais constitucionais e os princípios defendidos por D. Pedro IV para o futuro de Portugal. Com a coroação em 1828 do rei D. Miguel, a unidade liberal de Caçadores foi punida e extinta, o seu corpo militar seria desterrado para os Açores, incorporado por castigo no Regimento de Caçadores N.º 5. O comandante do quartel, o tenente-coronel José Júlio de Carvalho, e um punhado de militares graduados entenderam não acatar as ordens reais. Acossados com despachos que os condenavam ao cárcere, tomaram as rotas do exílio cavalgando em tropel pelos caminhos que desaguavam na Galiza, de lá rumaram para Inglaterra na procura de outros companheiros em fuga. Nas vésperas do abandono forçado da Pátria, determinaram a dispensa de obrigações militares a um numeroso grupo de soldados veteranos. Na ordem de desmobilização, anunciada na parada em alta voz por um sargento de ufano e retorcido bigode, figurava o anspeçada Josué Cristina.

Meu trisavô cumpriu sem demora as normas da entrega do espólio à sua guarda. Conferido o armamento e demais ferramentas, desembaraçado das pobres e gastas vestimentas militares, recebido o soldo regulamentar, passou a porta de armas e sem deitar um olhar, mesmo que fugidio, para as suas costas, tomou o rumo do sul e da estrada de Coimbra.

O chão arenoso ajudou os pés que nos últimos seis anos haviam sido poupados pelas pesadas botas militares, mas agora caminhavam nus, livres e ao vento. A sorte viria em seu auxílio, o acaso permitiu-lhe fazer algumas léguas da viagem no estribo de um carroção puxado por quatro mulas ruças e preguiçosas; a caixa roçava nos eixos, tal era o carrego de bacalhau seco destinado ao

abastecimento da grande cidade do Mondego. Perto de Ançã, quando divisou a serrania do Buçaco, despediu-se dos companheiros de jornada, apontando os passos ao ponto mais alto da serra. Não queria bater ao ferrolho da casa dos pais de pés ao vento. Do fundo do saco dos pertences desencantou um par de botas bem cardadas e do melhor cabedal, repetidamente ensebadas nos últimos anos com esmero e sem canseira. Estiveram em recato aguardando a caminhada de tornada à aldeia, plantada numa colina suave entre oliveiras mais velhas do que o tempo, vinhedos e campos de cereais. Enxotado pelos cães, com o dono da luz e do dia a mergulhar no mar, que sabia não ficar muito longe, passou ligeiro pelas povoações, tentando não ser tomado por andadeiro sem rumo. A noite e as sombras foram as companheiras no último troço do rasto. Por fim bateu à porta de casa tentando sem muita atroada arrancar os familiares do sono pesado. O estremunhar assustado misturaria lágrimas e sorrisos alegres, acudiram os pais e irmãos. Seria muito de madrugada, os galos ensaiavam cantares a anunciar o regresso do Sol, quando Josué caiu num sono profundo.

A povoação e a sua apalavrada meia prima, que tanto o havia esperado, receberam-no de braços abertos. Nos meses seguintes, cumprindo os ciclos das sementeiras e colheitas, irmanado com toda a família, participou com empenho nos trabalhos agrícolas, tentando que os pedaços minguados das modestas propriedades trouxessem algum desafogo à mesa e tostões curtos à bolsa. Nas horas vagas, e sempre que o serviço urgia, deitava a mão calejada, pujante de força, aos trabalhos delicados da alfaiataria, profissão igualmente seguida pelo pai e dois irmãos, fruto natural de sabedorias antigas passadas por várias gerações. O namoro com a prima Lucinda ganhou força e as famílias não tardaram a separar nos currais a cabra mais desenxovalhada e os leitões com o peso certo. O casamento com o sino a repicar de exultação, as ruas que desaguavam na igreja juncadas de rosmaninho e outras verduras frescas de bom cheiro anunciavam uma boda alegre e farta. Os odores a pão acabado de cozer cruzavam-se nos ares com os aromas das cabidelas, da chanfana e do leitão a dançar no espeto, anunciando com a pele estaladiça estar pronto para saciar os apetites dos convidados.

Josué, na procura de furar a magreira dos dias, entendeu dar um sentido novo à vida. Recorreu às poupanças aforradas nos seis anos de espartana vida militar, pecúlio só possível pelos centavos amealhados no quartel em arranjo de roupas e demais tarefas que os alfaiates na sua arte de manuseio de linhas e panos sabem cumprir com desvelo. Numa madrugada, acompanhado pelo pai e sogro, amparados em cajados rijos — as moedas no alforge poderiam despertar apetites dos patifórios que andavam a cheirar caminheiros

endinheirados —, meteram-se à estrada na senda mais a direito até à feira de gado de Cantanhede, que em todos os dias 20 animava aquela vila das Gândaras.

Amparado pelos alvitres dos companheiros, apreçou a mais vistosa junta de bois que no campo da feira aguardava por novo patrão. O carro a cheirar a madeiras frescas, charruas e demais aprestos já aguardava no pátio da casa quem lhe desse serventia. Sentia ser um homem livre quando de vara às costas incentivava os bois a alargar o passo. Os serviços de carreiro, por conta dos lavradores vizinhos, acudindo a sementeiras, colheitas, recolhas de matos e madeiras, ou nos fretes de cal que na povoação se fabricava em velhos fornos, enchiam, da alvorada à deita, os seus dias. A exploração dos filões de calcário era uma riqueza e arte antiga, legada aos seus conterrâneos pelos antigos senhores romanos que nas colinas em torno da serra do Buçaco exploraram os veios destas rochas por centenas de anos.

Não adivinhando a tempestade dos dias vindouros, defendeu os ideais de liberdade e justiça apregoados pelos comandos militares do Regimento de Caçadores. Acreditava que os povos não podiam ficar reféns do poder discricionário de um homem, mesmo sendo rei e unguido pela bênção de Deus. Chocarrou com os que entendiam como alto dever o curvar a espinha ao príncipe D. Miguel. O tempo não tardaria a ensinar-lhe a procurar refúgio no silêncio, a fugir às conversas.

Passou a ouvir nas costas o cognome malicioso concedido pelo povo aos defensores do rei D. Pedro: *malhado!* Entre dentes, só para ele, retorquia: *corcunda!*

Na guerra que pintava de sangue as nossas terras, os malhados identificavam os liberais, assim batizados em lembrança de uma mula sarapintada que numa tarde se empinou ao ser montada por D. Miguel e o fez comer o pó do chão. Os acirrados defensores do rei absolutista ganhariam, nas bocas dos liberais, o epíteto de corcundas pelas repetidas vénias desenhadas ao soberano.

As dissidências entre os irmãos, as correntes ideológicas que os separavam, o crescendo de confrontos de palavras e os acordos rasgados culminaram com a tomada da coroa de Portugal por D. Miguel em 1828. Aclamado em cortes que denunciaram a ilegitimidade dos comportamentos de D. Pedro, invocando que, pelo direito português, o irmão mais velho, ao apoiar a revolução independentista do Brasil, ao aceitar ser o primeiro imperador da nova nação, por ter erguido armas contra Portugal, perdera o direito, o poder de designar como herdeira da coroa lusitana a sua filha, a infanta D. Maria da Glória.

A crua verdade é que o grande povo esfomeado, vergado de receios e magrezas, manietado pelo mando de uma igreja opulenta e demais poderosos,

entendia defender, como justos, divinos, os princípios de poder absoluto que regiam D. Miguel.

Os simpatizantes da causa do irmão mais velho, o constitucionalista D. Pedro, buscavam acolhida em mutismos prudentes ou corriam riscos de ver os ossos atirados para os catres.

Em 1831, o imperador D. Pedro abdicaria da coroa brasileira e com um pequeno exército, alguns navios de guerra, com o apoio empenhado de exilados liberais, criou as condições que lhe iriam permitir desembarcar uma modesta força militar no verão de 1832, na praia dos Ladrões, a duas léguas do Porto. Levantavam as bandeiras da instauração em Portugal de uma monarquia constitucional e os direitos ao trono da infanta Dona Maria. As tropas liberais entraram sem resistência na cidade do Porto, abriram valas, criando linhas de defesa que ao longo dos meses se mostrariam inexpugnáveis.

As descrições dos combates, a fome que grassava entre os sitiados, os surtos de tifo e cólera apontavam para a iminente queda do Porto e a vitória total do rei D. Miguel. Assim chegavam as notícias apregoadas nos altares e descritas pelas vozes dos almocreves. Outros boatos cruzavam as portas das casas, garantindo que os simpatizantes liberais estavam a ser presos, deportados ou obrigados a combater nas primeiras linhas contra quem defendiam.

Vizinhos e amigos chegados, catequisados pelo pároco da povoação, entusiasmaram o Josué a associar-se a eles numa romaria a um lugar vizinho, junto à mala-posta, onde passava a Estrada Real que de Lisboa serpenteava até ao Porto. Nos próximos dias o caminho seria cruzado por um poderoso canhão, o *Mata-Malhados*: afiançavam ser capaz de estraçalhar as trincheiras liberais do Porto. O monstro de fogo, um obus inglês *Paixhans*, estava a ser puxado de Lisboa até às margens do Douro por treze juntas de bois. O povo acorria para celebrar o cortejo militar como se de uma procissão se tratasse. Nas cidades, vilas e até em modestos lugarejos, a dominadora peça de artilharia era adorada e benzida com águas bentas por padres e frades. Empurrada pelas populações entre brados de apoio, vivas ao Senhor D. Miguel e rezas de pais-nossos. Josué fincou os pés e não foi garantindo só para si e entre dentes: *eu ainda tenho as costas direitas*.

As palavras descuidadas, pronunciadas aquando do regresso ao povoado, andavam por aqueles tempos de medo a remoer os pensamentos; sentia que se podiam virar, eriçadas de perigos, contra ele e, ainda pior, levarem de roldão a mulher e o primeiro filho: o barrigão da prima, com candura sorridente assim tratada, fazia adivinhar uma hora breve para o nascimento. As notícias, ciciadas entre receios, confirmavam para os dias imediatos a passagem da

vanguarda do exército do marechal Bourmont na vizinha estrada que, vinda do Norte, corria para Coimbra, onde cruzava a única ponte sobre o rio Mondego, apontando sempre para Lisboa.

Não havia tempo a perder. Urgia meter-se ao caminho. Nas vésperas dera um salto ao Covelo, terriola perdida no fundo de um vale entre pinheirais, na encosta ocidental da serra do Buçaco. Um recôndito povoado, pouso isolado de uma dúzia de almas simples e hospitaleiras, servidas por sinuosos e minguados atalhos. Apalavrara, com os parentes distantes, a cedência temporária de uns casebres que serviam de apoio a uma eira.

Numa noite chegada, sob a capa da escuridão, carregou pertences e colheitas no carro tocado pela sua junta de bois, onde aferrou uma vaca leiteira, a mula mansa do sogro e uma porca que muito suor lhe deu para a conseguir arrastar atrelada ao carro. A prima, com dores a adivinharem o parto, foi-se aconchegando no carro entre os cobertores, as sacas de cereais, o azeite, o vinho e uma fornada de pão cozida nessa tardinha pela mãe, virtualhas que lhes iriam permitir sobreviver nas jornadas vizinhas. A madrugada já os despertaria no sítio do Murtal, no lado norte de um lugarinho de nome Passo do Botão. A subida era leve e de mansinho foi batendo os animais com palavras calmas, guardando a raiva para a suína, que todo o caminho chiou grosso, a rasgar a noite, atrasando o andamento. A cada gemido da esposa o passo ia diminuindo. Respirou de alívio quando entrou no povoado e arrumou os animais e os pertences nos casebres que estavam à sua responsabilidade. Uma parente tomou a seu cuidado a mulher que lamuriava em surdina tentando abafar o sofrimento. Poucos dias depois, com ajuda de vizinhos, foi em tropel ao lugar de Ponte da Mata desencantar a parteira daqueles vales perdidos. Apressado, só dando tempo para a aparadeira se instalar, não tardaria a nascer um rapaz, e, pelo choro forte, bracejar impaciente, afiançava ser bravo e seguro.

Josué correu de fuga numa noite escura a casa dos pais a levar a boa nova:

— A Lucinda deu-me um moço forte e perfeito, vai receber a graça de António Maria.

Aproveitava as noites sem luar montando a mula do sogro, que não era malhada, para descer à casa dos pais, regressava com alguns víveres e sobretudo com as boas notícias da guerra, passadas de boca em boca, contando a sorte das lutas fratricidas que, em cada recontro mais sanguinárias, pintavam de luto e lágrimas pedaços de Portugal. As vitórias dos liberais pareciam seguras e decisivas. Os desabafos tristes do povo sofrido eram para ele um bom augúrio: *Deus salve o Senhor D. Miguel!*

Eram lamentos que vaticinavam uma certeza: a conflagração não duraria por muito mais tempo, as fileiras de prisioneiros, degredados, feridos, estropiados e mortos iriam parar de crescer.

Numa manhã enevoada, do fim de maio de 1834, Josué, no refúgio engravado no vale fundo do Buçaco, recebeu a inesperada visita do pai; vinha montado na égua com que percorria os lugarejos das redondezas na procura de serviço para a arte de alfaiate. Por costume não montava o animal, seguia a seu lado levando-o com palavras prazenteiras pela trela; a égua, *Cabina* de nome, transportava no dorso em boa ordem, num açafate ajeitado para tal função, as roupas em fabrico e aprumo para os clientes fazerem a prova, a que juntava uma resma de cortes de fazenda para os fregueses escolherem o padrão da próxima indumentária. O pai desta vez cabriolava alegre no dorso da montada: o motivo da visita vinha estampado de contentamento no olhar, trazia uma grande notícia:

— As tropas liberais derreteram o exército do D. Miguel nos arrabaldes de Tomar. As sobras da hoste desbaratada andam em fuga para lá do Tejo.

No lugar de Asseiceira, perto da cidade templária cruzada pelo rio Nabão, ocorrera uma grande batalha, os liberais, depois de recontros inconclusivos, trucidaram as forças absolutistas. O rei D. Miguel, perseguido pela cavalaria liberal, reforçada por tropas estrangeiras, iniciara uma acelerada e caótica retirada. Escoltado por um reduzido punhado de seguidores galopava derrotado, acossado e em cada dia mais isolado pelo grande Alentejo. O seu exército de seis mil homens deixaria nos campos fronteiros de Tomar dois mil e novecentos mortos, as fileiras de capturados ultrapassariam os mil e quinhentos soldados.

D. Miguel, coagido, derrotado, isolado, forçado, abdicaria a favor da sobrinha, partindo de sobrolho carregado para o exílio. Finalmente, a filha de D. Pedro IV, princesa Maria da Glória Joana Carlota Leopoldina da Cruz Francisca Xavier de Paula Isidora Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança, seria eleita rainha de Portugal, tomando a graça e o título de D. Maria II.

O sangue vertido nos campos e nas cidades daria para fazer transbordar um ribeiro largo. As feridas da paz levariam muitos anos a fechar, mas Josué, quando ouviu falar da publicação de uma Carta de Lei determinando a expulsão e banimento, para todo o sempre, do território português de D. Miguel, teve a certeza de que poderia em paz meter-se à estrada, regressar ao seu lugar, abraçar sem receios a família e apresentar a todos o novo e rijo rebento. O António Maria já dava passos seguros, ensaiara o primeiro andar pelos oito meses.

Josué voltaria sem pressas à vidinha de carreiro e ao granjeio dos bocados miúdos de terras: às leiras de cereais, ao amanho do olival e aos pedaços modestos de vinha.

D. Miguel, no dia 1 de junho de 1834, embarcaria em Sines num navio de guerra inglês a caminho do exílio.

Voltaria a Portugal em 1967 para repousar no Panteão do Mosteiro de São Vicente de Fora.

2.^o

ANO DE 1840

B I S A V Ô A N T Ó N I O M A R I A

Ao António Maria Cristina nasceram dentes mais afiados que facas. Ainda muito pequenino destroçava o naco de pão mais rijo e seco; a maçã que lhe caísse nos dentes, mesmo verde e dura como ferro, não tardava a seguir em boa ordem pela goela abaixo. Espigou sem parança, mostrava uma mão-travessa acima dos outros rapazes de seu tempo. Espanto maior e coisa rara, aprendeu a ler, a escrever, a fazer contas de todas as famílias, cantava a tabuada sem tropeções, regalava quem o ouvisse.

O pai tomou nos ombros a empreitada de o António Maria ser habilitado a escrever uma carta, ler um livro e poder ser um cidadão com direitos a participar nos sufrágios e na justiça. Acenando com estes argumentos, tentou convencer o padre da vizinha freguesia da Vacariça a ser o seu mestre de letras. Os ventos do liberalismo varriam devagar e com muitos escolhos os antigos valores, tropeçando na má vontade dos velhos poderes instalados por séculos. O prior entendia que o exercício das letras seria uma sementeira perdida para quem tinha como destino a enxada, o farpão, andar à sogá com a junta de bois do pai ou no melhor dos sonhos seguir a arte de alfaiataria da família. Josué puxou das velhas divisas de anspeçada de um regimento liberal e de umas libras recatadas para um aperto sério. Acabaria por convencer o clérigo, que, com relutância, guardando as moedas com reservas, engelhando as faces, aceitou contrafeito o novo instruendo:

— Mande lá o broeirito! Vamos apalpar no que dá.

O vetusto povoado da Vacariça ficava a meia légua da casa de António

Maria, fora desde tempos perdidos uma terra poderosa, cabeça de concelho até ao ano de 1837. Entre os seus muros funcionaria ao longo de séculos uma escola em que se ministrava o ensino escoreito de latim, teologia, geografia e outros saberes. As primeiras letras eram ministradas aos filhos da pequena nobreza da região e aos descendentes das famílias de agricultores mais abastados.

Josué, no primeiro dia de ensino, meteu o carro de bois ao caminho, carrejando o filho e um banquito de três pernas para assistir sentado aos ensinamentos. Ao longo do trajeto descreveu os melhores atalhos, os riscos que correria se não cumprisse direito o caminho: uma estrada bem comprida para um rapazinho de pouco mais de sete anos.

António Maria seria enxotado para um canto fundeiro da sala. O mestre das primeiras letras passava o tempo a empapelar dois pequenotes bem-nascidos, de modos finos e delicados: o Bernardo Maria Toscano Figueiredo e Albuquerque e um pouco mais novo o Constantino Botelho de Lacerda Lobo. Meu bisavô, grande e brigão, seria no primeiro dia solenemente avisado: bastava dar um sopro nos outros meninos e seria corrido em tropel, à frente da vergasta, até às saias da mãe.

A libertação da prisão aziaga imposta pelo pai só mostrava um bom caminho: aprender bem e depressa; não tardou a deixar de tropeçar nas letras, os números passaram a encaixar uns nos outros na melhor das ordens. O espantado prior foi amenizando a rispidez com que tratava o António Maria; devagar, desconfiado, rendeu-se à capacidade de aprendizagem daquele rapazote de tamancos e farpelas coçadas.

Na terceira classe, quando a primavera estava a fazer as despedidas oferecendo dias de um azul-claro, o padre mestre-escola da Vacariça tomou a decisão de enviar um sacristão a casa dos pais do menino das roupas desengonçadas, mas que desenhava as letras mais direitas, não dava erros nos ditados e as contas, com a prova dos nove ao lado, mostravam-se certas, sem emendas nem rasuras. O acólito era portador de uma instrução: o pai do rapaz deveria sem demora apresentar-se nos cómodos anexos à igreja onde decorriam as aulas.

Nessa noite, na ceia, entre resmungos azedos, Josué imaginou o espigado e agora assustado rapaz a desenhar travessuras grossas. Na manhã seguinte iria pronto para obrigar o António a dançar ao som do cinto.

— Não gosto de te cascar no pelo, mas se a ruindade for feia vais comer sopa grossa.

Na entrada da sala de aulas, junto da grande igreja da Vacariça, emboçou um ar pesado nas faces, pronto para escutar as más notícias. Ficou admirado

pelos modos benevolentes, quase prazenteiros, do prior. Espantou com as palavras que lhe dirigiu, referindo-se ao rapazinho maltrapilho, que tanto desdenhara, com louvores e estima, o dito encheu de orgulho Josué:

— O seu filho é o melhor aluno da classe.

Convidava os pais, com palavras entusiasmadas, a pensarem na possibilidade de o menino seguir para o Seminário de Coimbra. Garantia um futuro leve e brilhante para o tosco papa-broa que recebera com modos desprezíveis. A amena conversa foi um remédio abençoado. Nessa mesma tarde o pai determinou para no dia seguinte fazer as despedidas da escola, não se esquecendo de trazer para casa o banquinho de três pernas. O ensinamento das letras e dos números dobrara a última página.

António Maria, que temera vir a receber ordens para marchar para a escola eclesiástica fardado de melro com saias até aos pés, começou no dia seguinte, alegre e livre, a acompanhar o pai, a partilhar as duras tarefas que permitiam ao lavrador, com artes de alfaiate, sobreviver sem mínguas, mas com muito suor e sem folgar o costado.

Em casa havia a mais forte junta de bois da aldeia, os agricultores das vizinhanças recorriam aos seus préstimos para lavrar as leiras, recolher colheitas e matos, transportar madeiras, pedra, cal e outros materiais. Nas vindimas era uma galopada, andavam da manhã ao anoitecer a correr pelos vinhedos, conseguiam encavalitar no carro duas dornas, uma vantagem acrescida sobre os outros carreiros. Não perdeu tempo a fazer-se homem, o seu braço de trabalho era estimado por todos; em muitas ocasiões, quando os vizinhos recorriam ao serviço do Josué, vinha o pedido:

— Nem precisa de seres tu, manda o teu filho.

O velho anspeçada gostava de ouvir aquelas palavras, admirava o empenho, a força do filho e a satisfação que mostrava em todos os afazeres.

Quando pelos dezoito anos parou de crescer, mostrava na altura mais um palmo de homem que os outros rapazes das povoações em redor, e os pés, gigantes e bem medidos, quase chegavam a um côvado.

Josué, que conhecera a moleza de viver enterrado num quartel por longos seis anos, entendeu libertar o filho das obrigações militares. Recorreu a amigos e velhos conhecidos. Aconselhado pelas pessoas certas, chegou à fala de um major de cavalaria, o primeiro responsável pelas incorporações dos mancebos nas terras entre Coimbra e Aveiro. Invocou o seu passado liberal, mostrou-se doente e desgastado pelos anos:

— A força do meu filho é o braço do pão na casa.

O major entendeu aceitar o rogo, determinando em ordem lavrada nos livros:

O mancebo, por ser considerado amparo de família, contra o pagamento das competentes licenças, ficará isento de todo o serviço militar.

Nunca saberemos se deu por boas as palavras preocupadas de pai ou se se enamorou do atado de chouriços e carne da salgadeira que, numa carroça, o antigo anspeçada acarretou para a casa do oficial, nos termos de Condeixa.

Josué encontrou uma explicação mais segura:

— Os sapateiros da tropa não tinham moldes para o tamanho dos pés do António Maria.